

12) "Sede fecundos..."

Gostaria de meditar com vocês sobre um outro aspecto, muito importante, da narração da criação e colocá-lo em relação com o desejo de São Bento de nos oferecer um caminho de desenvolvimento da nossa humanidade.

Não esqueçamos que a primeira ordem que Deus confia à criatura humana, e diria também o primeiro mandamento que o homem deve obedecer, é aquele da fecundidade, e isto acontece antes da proibição de comer da árvore do conhecimento do bem e mal: "Deus os abençoou e disse: 'Frutificai, disse ele, e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra'." (Gn 1,28).

Seja qual for o trabalho que fazemos, seja no campo material, seja no campo espiritual, deve mirar a uma fecundidade, deve obedecer à nossa vocação à fecundidade. Somos criaturas viventes, não objetos, e isto significa que o nosso desenvolvimento nunca pode se limitar a um funcionamento, mas deve ser uma fecundidade, uma geração, uma dilatação da vida em nós e para os outros.

Todavia, entre esta primeira palavra de Deus enquanto cria Adão e nós, tem a queda, e isto tornou problemática a fecundidade da vida humana. A fecundidade sexual, cultural, do trabalho, espiritual, tudo tornou-se problemático, tudo isto não é mais óbvio, tudo isto comporta agora um aspecto de fadiga, dificuldade, confusão, possibilidade de falência, esterilidade. Não é mais certo que o ser humano seja fecundo, se multiplique, chegue a preencher a terra, dominar a terra e todos os animais. Mesmo assim, Deus não retira do homem esta vocação, porque esta é inerente à humanidade do homem, e Deus, se pune o homem por causa do pecado, não quer destruí-lo. Deus pode punir, pode corrigir, mas não volta atrás na vocação que Ele dá às criaturas humanas. Há aqui um aspecto fundamental da misericórdia de Deus que não devemos esquecer.

Mas entre o chamado a fecundidade dirigido a Adão e Eva, e nossa vocação à fecundidade, não existe só pecado, existe sobretudo Cristo, o acontecimento da Redenção. E é em Cristo que o chamado à fecundidade, que Deus dirige o homem, toma um ponto paradoxal: realiza-se através da morte. O "sede fecundos e multiplicai-vos!" do primeiro chamado de Deus torna-se: "Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caído na terra, não morrer, fica só; se morrer, produz muito fruto" (Jo 12,24).

Jesus aqui, como em todas as parábolas, não faz que descrever o que acontece na natureza, na realidade que todos podem ver. E na semente que morre para dar fruto, Ele vê a melhor descrição daquilo que deveria acontecer em nossa vida para responder, depois do primeiro pecado e depois que o homem se tornou mortal, a vocação original a ser fecundo e se multiplicar.

"Frutificai, disse ele, e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a" (Gn 1,28). Isto já não pode acontecer sem levar em conta a morte, do fato que nossa vida agora está sujeita à lei da morte, mas é aqui que o mistério pascal de Cristo se irradia em nossas vidas de maneira surpreendente, porque Cristo transforma a consequência do pecado, que é o obstáculo extremo para a fecundidade de nossa vida, na própria condição de nossa maior fecundidade.

Jesus nos revela uma morte que é para a vida, que é para uma vida maior, para uma fecundidade multiplicada. Nos revela morrendo por nós, morrendo, por primeiro, desta morte, daquela morte fecunda, daquela morte para a ressurreição, de uma morte que não é, como é para nós, a consequência de um pecado, mas puro dom de sua vida.

Ora, a morte do grão de trigo é uma morte de humildade, uma morte que é uma consequência do fato de "cair no chão," cair no *humus*.

A primeira morte, aquela infligida sobre Adão e toda sua descedência, é o fruto do orgulho, da elevação. O homem e a mulher querem ser "como Deus" (Gn 3,5); em seu orgulho se levantam acima da terra, acima do pó dos quais são feitos. O resultado de tudo isso é uma morte estéril, uma morte inflita, uma morte que não dá a vida.

A morte de Cristo, ao contrário, é o êxito de sua humilhação. É o ponto mais baixo do seu abaixar-se, da sua humildade. "[Cristo], sendo de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo e assemelhando-se aos homens. E, sendo exteriormente humano, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz" (Fl 2,6-8).

Jesus revela aquilo que a partir de então é o segredo de toda fecundidade, um segredo que a criação nos revela desde sempre, na lei das sementes, que devem cair na terra e morrer, para frutificar. Porém, quando não se trata mais de um simples grão de trigo que cai na terra para morrer, mas do próprio Deus, e, depois Dele, e por sua graça, o homem, o seu fruto é a ressurreição, o seu fruto é a vida mais forte que a morte, seu fruto é "o amor forte como a morte", como nos anuncia o Cântico dos Cânticos (8,6), o fruto é árvore da vida.

É nesta perspectiva que devemos compreender São Bento e toda sua visão evangélica da vida monástica e do homem em geral. O monge que segue a Regra, é guiado a aprender que a fecundidade da sua pessoa pode passar apenas através da morte de si mesmo. Adão e Eva, no fundo, quando trabalhavam, quando recolhiam os frutos do jardim, quando viviam em toda simplicidade, podiam também esquecer que tudo isto não pode acontecer, se não graças a Deus. Podiam também esquecer que sem Deus não podiam fazer nada, muito menos viver. O pecado cedeu a esta tentação de esquecimento da nossa dependência inalienável ao Deus que nos cria.

A morte nos ensina que somos impotentes em garantir a fecundidade definitiva da nossa existência. A morte nos ensina a nossa realidade de criaturas, a nossa verdade. E se Deus permitiu que a morte entrasse no mundo, não foi por vingança, por pura punição, mas para nos ensinar a vida, para nos ensinar a verdade da vida, aquela verdade que se manifesta totalmente na morte e na ressurreição de Cristo. A humildade é o homem que reconhece que não pode nada sem Deus, que não é nada sem Deus. Sozinho, não pode que ficar estéril, mas quando aceita morrer à sua solidão autônoma, também a sua morte se torna o lugar onde germina o milagre de uma nova vida, fecunda, multiplicada, uma vida de comunhão. O grão de trigo se torna espiga.

Tudo na Regra nos chama que a esta consciência. A oração, o trabalho, a vida comunitária, os hóspedes, os enfermos, os responsáveis, os irmãos que caem, o sono e a vigília, o jejum e a maneira de comer, o silêncio e a palavra, tudo nos chama e nos educa a consciência que, sem Deus, não somos vivos e fecundos.

Por isso é necessário que no centro de todo esse treinamento para se tornar verdadeiras criaturas, exista uma consciência que possa consentir, é necessário um coração que diga "sim" a isto. Eis porque Bento coloca ao centro de toda espiritualidade monástica, a educação à humildade de nosso coração. Somente um coração humilde pode estar ao centro de toda a nossa vida no mosteiro e da própria vida humana, unificando tudo. Somente o coração humilde pode ser a morada da unidade de nossa vida; de fato, o coração humilde consente verdadeiramente a viver com Deus, permanecer apegado a Deus.

Há uma magnífica expressão de São Bento para definir o coração humilde. Encontra-se no sétimo grau da humildade, "em que o monge se diga inferior e mais vil que todos, não só com a boca, mas que também o creia no íntimo pulsar do coração" (RB 7,51). Em latim é muito mais expressivo: "*íntimo cordis credat affectu* – acredite do profundo afeto do coração".

Trata-se de deixar penetrar a consciência da própria miséria, no sentimento mais profundo do coração. Cada grau de humildade mira a isto, educa a isto, a esta interiorização do sentimento de não ser auto-suficiente, de não ter valor em si mesmo, se não graças a Deus. Tudo aquilo que na ascese monástica não tende a isto, não leva a isto, pelo menos, como consciência e desejo, permanece vã e estéril, não dá fruto. Se o nosso coração não é o grão de trigo que aceita cair na terra da humildade para morrer ao seu orgulho, nada na nossa vida dará fruto. Todos os esforços que não levam a isto, que não tendem a isto, são vãos, e até mesmo, nocivos. Um publicano, um pecador de coração humilde é mais santo aos olhos de Deus, que um fariseu perfeito de coração orgulhoso.

Sobretudo, constatamos que, sem este sentimento humilde no profundo do coração, não somos livres; livres diante de tudo aquilo que ocupa ou solicita a nossa vida. A humildade de coração cura tudo, até uma vida toda errada, até uma vida incoerente em tudo.